

CAPÍTULO I

A nossa época é essencialmente trágica, por isso recusamo-nos a vivê-la como tragédia. O cataclismo deu-se, estamos rodeados de ruínas, começamos a construir outras maneiras de viver, a alimentar novas pequenas esperanças. É uma tarefa difícil, já não há nenhuma estrada suave em direção ao futuro: passamos ao lado dos obstáculos ou saltamos-lhes por cima. Temos de viver para além de todos os céus que desabaram sobre as nossas cabeças.

Esta era, mais ou menos, a posição de Constance Chatterley. A guerra tinha sido como um teto que lhe caísse em cima, e ela compreendera que seria necessário viver e aprender.

Tinha casado com Clifford Chatterley em 1917, durante o mês de licença que este passara em Inglaterra, mês esse que foi a sua lua de mel. Ele regressou à Flandres, de onde voltou seis meses mais tarde, mais ou menos em pedaços. Constance, mulher dele, tinha então vinte e três anos e ele vinte e nove.

O seu apego à vida era maravilhoso. Não morreu, e foi possível tornar a juntar os pedaços. Durante dois anos viveu nas mãos dos médicos, depois foi considerado curado e pôde voltar à vida. Mas metade do seu corpo, da cintura para baixo, estava paralisada para sempre.

Assim, em 1920, Clifford e Constance regressaram a casa, Wragby Hall, a propriedade da família. O pai tinha morrido, Clifford tornou-se Sir Clifford e Constance passou então a ser Lady Chatterley. Iniciaram a sua vida em comum numa casa bastante abandonada dos Chatterleys e com um rendimento razoavelmente limitado. Clifford tinha uma irmã, que já falecera, e não havia mais parentes próximos. O irmão mais velho morrera na guerra. Estropiado para o resto da vida, sabendo que não poderia nunca ter filhos, Clifford voltou para a

fumacenta região dos Midlands para manter vivo, enquanto pudesse, o nome dos Chatterleys.

Não se sentia realmente destruído. Podia andar de um lado para o outro na sua cadeira de rodas, e tinha ainda uma outra, com um motor, para se deslocar lentamente no jardim e no parque, de uma subtil melancolia, de que tanto se orgulhava, embora se mostrasse desprendido de tudo.

Sofrera tanto que tinha perdido, praticamente, a capacidade de sofrer. Era uma pessoa estranha, viva e cordial, quase alegre, com uma cara rosada e saudável e uns olhos azul-claros e provocantes. Tinha ombros largos e fortes, e umas mãos potentes. Vestia-se muito bem, usava sempre bonitas gravatas de Bond Street. Mas na sua cara era ainda visível o olhar vigilante, a ligeira vagueza de um inválido.

Tinha estado tão perto de perder a vida que o que dela sobrava se tornara extraordinariamente precioso para ele. Isto revelava-se muito bem no brilho ansioso dos seus olhos e no seu orgulho de continuar vivo após tão grande choque. Mas a ferida fora tão grande que qualquer coisa dentro dele morrera, alguns dos seus sentimentos tinham desaparecido. Havia um espaço em branco, inanimado.

Constance, a sua mulher, tinha um ar de rapariga do campo, corada, com cabelo castanho, um corpo bem constituído, movimentos lentos carregados de uma enorme energia. Tinha uns olhos grandes e espantados e uma voz suave e doce. Parecia uma rapariga da aldeia, mas não era. O pai era o velho Sir Malcolm Reid, um membro em tempos ilustre da Academia Real de Pintura. A mãe fora uma fabiana erudita nos tempos pré-rafaelitas da prosperidade. Constance e a sua irmã Hilda tinham sido educadas entre artistas e socialistas cultos e recebido aquilo a que se pode chamar uma educação esteticamente não convencional. Em Paris, Florença e Roma, tinham respirado arte, em Haia e Berlim, tinham entrado em contacto com as grandes convenções socialistas, onde se discursava em todas as línguas civilizadas e ninguém se sentia embaraçado.

Assim, desde muito cedo, nenhuma das raparigas se deixava intimidar pela arte ou por ideologias políticas. Constituíam a sua atmosfera habitual. Eram simultaneamente cosmopolitas e provincianas, com aquele provincianismo cosmopolita da arte que acompanha os puros ideais sociais.

Aos quinze anos tinham sido mandadas para Dresden, para estudar música, entre outras coisas, e aí passaram uns tempos muito agradá-

veis. Viviam livremente entre estudantes, discutiam com os homens filosofia, sociologia e arte, e eram tão boas quanto eles, ou melhores ainda, pelo facto de serem mulheres. E iam para a floresta com robustos tocadores de guitarra, cantavam canções de *Wandervogel*, e eram livres. Livres! Essa era a grande palavra, num mundo sem restrições, em florestas, à luz da manhã, com rapazes atraentes e com belas vozes, livres de fazerem o que queriam e, acima de tudo, de dizerem o que queriam. A possibilidade de falar era de uma importância capital; era um debate apaixonado, no qual o amor não passava de mero acompanhamento.

Ambas tiveram as suas primeiras histórias de amor aos dezoito anos. Os dois rapazes com quem discutiam tão apaixonadamente, com quem cantavam e acampavam debaixo das árvores em completa liberdade, quiseram, é claro, relações amorosas. As raparigas hesitaram, mas era uma coisa de que se falava muito e que parecia muito importante. E eles eram humildes e insistentes. Porque é que uma rapariga não se havia de comportar como uma rainha e conceder as suas graças?

E assim se deram, como mulheres, cada uma àquele com quem tinha discussões mais íntimas e subtis. As conversas, as discussões, eram o ponto importante. A relação amorosa e a ligação não passavam de um tipo de retorno ao primitivo e constituíam um anticlímax. Depois, começaram a gostar menos dos rapazes, e quase sentiam um pouco de ódio por eles terem violado a sua intimidade, a sua liberdade interior. Evidentemente que toda a dignidade e significado da vida de uma rapariga provinham da posse de uma liberdade absoluta, perfeita, pura e nobre. Que outro significado poderiam ter, para além da rejeição das velhas e sórdidas ligações e submissões?

E, apesar de toda a possibilidade de sentimentalismos, a parte sexual constitui uma das mais antigas e sórdidas ligações e submissões. Os poetas que a glorificaram eram na grande maioria homens, e as mulheres sempre tinham sabido que havia alguma coisa de melhor e mais elevado. E agora sabiam-no com maior certeza do que nunca. A bela e pura liberdade de uma mulher era infinitamente mais maravilhosa do que o amor-sexo. Infelizmente, os homens estavam muito atrasados em relação às mulheres nesse ponto! Insistiam na parte sexual como cães esfaimados.

E a mulher tinha de acabar por ceder. Um homem era como uma criança com os seus caprichos. Ou a mulher cedia, ou a criança ficava insuportável e podia destruir e estragar o que podia ser uma relação

tão agradável. Mas a mulher podia ceder sem que o seu eu interior, livre, cedesse também, e a este ponto os poetas e os homens que falaram sobre o sexo jamais deram suficiente importância. Uma mulher podia estar com um homem sem abandono, podia tê-lo sem que ele a tivesse, sem se submeter ao seu poder, e, mais ainda, podia usar o sexo para exercer o seu poder sobre ele. Bastava retrair-se no ato sexual, e deixá-lo terminar e esgotar-se, sem ela ter a sua crise. E então podia prolongar o ato e permitir o seu orgasmo e a sua crise quando ele já não era mais do que um simples instrumento.

As duas irmãs tinham tido a sua experiência amorosa na altura em que a guerra rebentou, e tiveram de voltar a Inglaterra apressadamente. Nenhuma delas tinha estado verdadeiramente apaixonada, exceto na medida em que verbalmente estavam muito próximos um do outro, na medida em que lhes interessava profundamente *falar* um com o outro. A grande, espantosa, profunda, inexprimível emoção, residia na discussão apaixonada com um jovem inteligente, hora a hora, analisando dia após dia, e isto durante meses. Ora, isso nunca elas tinham imaginado possível até o viverem! A promessa do paraíso — «Terás homens com quem falar!» — nunca havia sido formulada. Realizou-se antes de a conhecerem.

E, depois destas vivas e revitalizantes discussões que penetravam no íntimo de cada um, o sexo era mais ou menos inevitável. Acontecia. Assinalava o fim de um capítulo. Tinha uma emoção também, que lhe era peculiar: uma curiosa vibração corporal, um espasmo final de autoafirmação, como que a última palavra, excitante, muito semelhante à linha de asteriscos que se põe para indicar o fim do parágrafo e uma interrupção no tema.

Quando as raparigas vieram a casa nas férias do verão de 1913 — tinha então Hilda vinte anos e Constance, ou Connie, dezoito —, o pai percebeu logo perfeitamente que ambas conheciam a experiência amorosa.

L'amour avait passé par là, como alguém disse. Mas ele próprio era um homem com experiência e permitia que a vida seguisse o seu rumo normal. Quanto à mãe, nervosa e inválida nos últimos meses de vida, só queria que as raparigas fossem «livres» e se «realisassem». Ela nunca o tinha conseguido, isso fora-lhe negado. Só Deus sabia porquê, sendo ela uma mulher determinada e com um rendimento pessoal. Acusava o marido, mas na realidade era devido a uma velha impressão de autoridade que lhe estava gravada no espírito ou na

alma e de que não se conseguia libertar. Sir Malcolm, que permitia à sua mulher, nervosa, hostil e corajosa, que se ocupasse dos seus assuntos como ele se ocupava dos dele, não tinha culpa.

Assim, as duas jovens eram «livres» e voltaram para Dresden e para a sua música, para a universidade e para os rapazes. Amavam-nos, e eles amavam-nas com toda a paixão da atração mental. Todas as coisas belas que eles pensavam e diziam e escreviam, pensavam-nas, diziam-nas e escreviam-nas para as raparigas. O jovem de Connie era músico, o de Hilda, técnico. Eles viviam exclusivamente para elas, no que respeitava a espírito e a intelecto. Noutros pontos, eram repelidos, embora não o soubessem.

Era óbvio, olhando para eles, que conheciam o amor, isto é, tinham tido a experiência física. É curiosa a subtil mas inequívoca transmutação que ela provoca no corpo quer dos homens quer das mulheres: a mulher floresce, as suas formas ficam mais arredondadas, as formas angulosas atenuam-se, e a expressão torna-se ora ansiosa ora triunfante; o homem torna-se mais calmo, mais interiorizado, e o contorno dos ombros e das nádegas menos acentuado, mais hesitante.

Com a emoção corporal, as duas irmãs quase sucumbiram ao poder estranho do macho. Mas rapidamente se recompuseram, encararam a emoção sexual como uma sensação e continuaram livres. Os homens, gratos às mulheres pela experiência física, deram-lhes um pouco da sua alma. Depois, pareciam por vezes a pessoa que perde dez tostões e encontra cinco. O jovem de Connie tinha mau feitio e o de Hilda era trocista. Mas os homens são assim! Ingratos e sempre insatisfeitos; se não são aceites, odeiam a mulher por não os aceitar, se o são, odeiam-na por qualquer outra razão, ou por nenhuma razão, porque são crianças descontentes e nada os satisfaz, por mais que a mulher faça.

Todavia, a guerra rebentou e Connie e Hilda regressaram apressadamente a Inglaterra, depois de também aí terem passado o mês de maio, aquando do funeral da mãe. Antes do Natal de 1914 os dois jovens já estavam mortos, e as irmãs choraram-nos e amaram-nos apaixonadamente; mas, no fundo, já os tinham esquecido, eles já não existiam.

Viviam então na casa do pai, ou melhor, da mãe, em Kensington. Davam-se com um jovem grupo de Cambridge, que defendia a «liberdade» e as calças e camisas de flanela, abertas no pescoço, e uma espécie de anarquia saudável. Tinham uma voz murmurante de quem falava baixo e eram ultrasensíveis. Hilda, porém, casou de súbito com